

FORMAÇÃO DE PROFESSORES E ENSINO DE HISTÓRIA

Andréa Ferreira Delgado¹

Clarícia Otto²

É preciso que desde os começos do processo, vá ficando cada vez mais claro que, embora diferentes entre si, quem forma se forma e reforma ao formar e quem é formado forma-se e forma ao ser formado. É neste sentido que ensinar não é transferir conhecimentos, conteúdos, nem *formar* é ação pela qual um sujeito criador dá forma, estilo ou alma a um corpo indeciso e acomodado. Não há docência sem discência, as duas se explicam e seus sujeitos apesar das diferenças que os conotam, não se reduzem à condição de objeto, um do outro. Quem ensina aprende ao ensinar e quem aprende ensina ao aprender.

Paulo Freire³

Aceitamos o desafio de organizar o segundo número da Revista EntreVer animadas pela proposta editorial: entrecruzar as experiências dos discentes dos cursos de licenciatura, dos docentes do ensino superior e da educação básica, possibilitando que a interlocução sobre a educação escolar e os processos formativos de professores seja construída a partir de diferentes perspectivas. Propusemos, então, o Dossiê “Formação de professores e ensino de História”, que apresentamos a você, leitor, inspiradas pela epígrafe que enfatiza os sujeitos e as relações que estabelecem entre si como constitutivas dos processos educativos.

Provocados por questões delineadas pela prática pedagógica, quer seja no cotidiano escolar ou no ensino superior, os autores e autoras discutem teórica e metodologicamente a educação e o ensino de História na contemporaneidade, ao mesmo tempo em que sugerem diferentes caminhos para investigar ideias, expectativas, conhecimentos prévios dos

¹ Professora da Universidade Federal de Santa Catarina, doutora em História Cultural pela Universidade Estadual de Campinas (Unicamp). E-mail: andreadelgado@uol.com.br

² Professora da Universidade Federal de Santa Catarina. Doutora em História pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). E-mail: clariciaotto@yahoo.com.br

³ Cf. Freire (2009, p. 23).

educandos, como condição necessária ao planejamento e ao exercício do ofício de professor.

A escrita emerge, assim, como exercício de conhecimento e autoconhecimento do sujeito que pesquisa, problematiza, propõe e realiza, somando a sua voz à construção coletiva de práticas pedagógicas que colaborem na formação histórica de diferentes gerações, tal como compreendida por Rüsen (2007, p. 95):

Formação significa o conjunto das competências de interpretação do mundo e de si próprio, que articula o máximo de orientação do agir como o máximo de autoconhecimento, possibilitando o máximo de auto-realização ou de reforço identitário. Trata-se de competências simultaneamente relacionadas ao saber, à práxis e à subjetividade.

Saberes, práxis e subjetividades se entrelaçam nos textos que compõem as diferentes seções. Vamos encontrar “Ensaios Discentes” que abordam múltiplos espaços formativos e “Diários de Classe” e “Artigos” de docentes que atuam na educação básica e na formação inicial e continuada de professores, além de ouvir um professor na seção “Entrevista” cuja trajetória profissional foi construída na confluência desses dois campos da docência.

Essas práticas reflexivas permitem vislumbrar, por meio de diferentes objetos, linhas de pesquisa constitutivas do campo do ensino de História: educação patrimonial, história local, incorporação de diferentes linguagens, cultura escolar, livro didático, memória docente, educação histórica, formação de professores.

No entrecruzamento dos textos, encontramos o estágio supervisionado como espaço privilegiado de reflexões e de elaboração de propostas para o ensino e a aprendizagem de História, seja sob o olhar de quem vivencia suas primeiras experiências docentes ou sob o olhar daqueles docentes que orientam os estágios, ou ainda no entrelaçamento destes olhares representados pela autoria compartilhada da escrita entre orientadores(as) e orientandos(as).

Em cada experiência dos professores(as)/pesquisadores(as) de História, as singularidades dos processos, dos olhares e dos tempos de

vida configuram trajetórias de produção e mobilização de saberes docentes que, na acepção de Tardif (2006), são compreendidos como um amálgama de saberes plurais e heterogêneos – saberes da formação profissional, saberes curriculares, saberes disciplinares, saberes experienciais – indissociáveis da socialização profissional, isto é, dos múltiplos espaços coletivos de vivências, interlocução e construção de conhecimento.

A seção “Ensaios Discentes” é formada por sete textos produzidos por futuros professores e professoras.

Em “O ensino de História para crianças: duas experiências de estágio nos anos iniciais do Ensino Fundamental”, Raquel de Melo Giacomini, Daniela Eli, Juliane Mendes Rosa La Banca e Luiza Turnes, ao narrar suas vivências e práticas pedagógicas nas diferentes etapas do estágio supervisionado nos anos iniciais, contribuem para a reflexão acerca do papel fundamental do conhecimento histórico na formação do pedagogo.

No texto “Índios, futebol e um estudante em formação: relato de uma experiência acadêmica”, Rafael Benassi dos Santos apresenta reflexões sobre o trabalho de bolsista no projeto de extensão *Da arapuca ao futebol: o lazer Kaingáng através dos tempos*. Em tom subjetivo e autobiográfico, o autor rememora vivências nas terras indígenas e nos instiga a procurar estratégias para a incorporação efetiva da temática indígena na formação de professores.

No texto “O uso das propagandas farmacêuticas do século XIX e XX como fontes para o ensino de História”, Isaac Facchini Badinelli e Luis Fernando Junqueira relatam suas experiências na Educação de Jovens e Adultos (EJA), a partir do projeto da disciplina “Laboratório de Ensino de História da Saúde” do curso de História da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Os autores narram os percursos de pesquisa das fontes primárias de diferentes períodos históricos, de construção dos eixos temáticos para problematizá-las e de desenvolvimento de estratégias para discuti-las em sala de aula.

No texto “Reflexões sobre a utilização de pinturas históricas nas aulas de História”, Aline Maisa Lubenow e Elison Antonio Paim tecem

considerações teóricas e metodológicas sobre Arte e História, imagens e ensino de História, iconografia e livros didáticos, problematizando em especial o uso didático de pinturas históricas relacionadas à representação do processo de Independência do Brasil.

No texto “Uma chamada a cobrar: a escola e o celular em sua difícil convivência”, Constantino Quarezmin Neto, Jeniffer Caroline da Silva e Viviane Cavalcante Pinto problematizam a utilização de aparelhos celulares entre jovens, no período escolar, a partir de considerações sobre a cultura juvenil na sociedade contemporânea.

No texto “O uso das diferentes linguagens na disciplina de Estudos Latino-Americanos do Colégio de Aplicação da Universidade Federal de Santa Catarina”, Lucas Braga Rangel Villela relata sua experiência de estágio e, de forma entrelaçada com questões específicas dessa disciplina, discute os desafios da docência em História.

Andrei Martin San Pablo Kotchergenko e Guilherme de Almeida Américo também ministraram aulas na disciplina Estudos Latino-Americanos no Colégio de Aplicação da UFSC durante o estágio e abordam, no texto “Construindo saberes: a relação docente/discente”, o papel do professor de História e do ensino da disciplina na instituição escolar, além de problematizar o uso do livro didático e apontar a importância da diversificação dos materiais didáticos.

A seção “Diários de Classe” é composta por textos sobre a construção e o desenvolvimento de projetos relacionados ao ensino de História na educação básica e também por narrativas de docentes que atuam na formação de professores em instituições de ensino superior.

Em Roteiro de visita guiada: “Desterro dos negros escravos e libertos – século XIX”, a professora Joseane Zimmermann Vidal relata o projeto de educação patrimonial, desenvolvido com turmas de sétima série de uma escola da rede municipal de ensino de Florianópolis, que associa o espaço urbano com o estudo sobre a presença africana na Ilha de Santa Catarina e culmina com a elaboração de um roteiro histórico para guiar a visita dos alunos e alunas ao centro de Florianópolis.

No texto “A disciplina de História e a formação para a cidadania: uma experiência interdisciplinar”, Geane Kantovitz narra o

desenvolvimento do projeto interdisciplinar *Pacato Cidadão: você é livre para escolher, mas escravo das consequências* no Colégio Dom Bosco, na cidade de Rio do Sul (SC), em 2008. Segundo a autora, os estudantes do Ensino Médio desenvolveram atitudes cidadãs em relação ao conjunto de questões sociais e políticas do município abordadas durante as diferentes etapas do projeto.

Em “No jogo do reconhecimento: estágio supervisionado e identidade docente na formação de professores de História”, Juliana Pirola da Conceição e Maria de Fátima Sabino Dias discutem a identidade docente de graduandos do curso de História da UFSC e cotejam as expectativas dos acadêmicos, no início do estágio realizado na disciplina Estudos Latino-Americanos do Colégio de Aplicação da UFSC, com suas narrativas ao final dessa experiência.

No texto “O estágio supervisionado na EJA de Florianópolis: uma experiência”, Suzana Bittencourt analisa a proposta da Educação de Jovens e Adultos, implantada pela rede municipal de educação de Florianópolis, e apresenta as diferentes etapas do estágio supervisionado em História que orientou em 2010, em dois Núcleos da EJA, discutindo principalmente os desafios colocados pela adoção da metodologia da pesquisa concebida como princípio educativo.

Em “Pesquisa-estágio em História: o processo de elaboração-tabulação-análise do questionário de conhecimento prévio”, Márcia Elisa Teté Ramos discute, fundamentada nos pressupostos da Educação Histórica, os objetivos, eixos analíticos e instrumentos de duas investigações. A primeira objetivava conhecer os graduandos matriculados nas disciplinas Metodologia e Prática de Ensino de História III e Estágio Supervisionado III, do Curso de História da Universidade Estadual de Londrina (UEL). A segunda pesquisa foi realizada por esses graduandos durante o estágio supervisionado e compreendeu a observação e a aplicação de um “questionário de conhecimentos prévios” nos alunos do Ensino Médio do Colégio de Aplicação da UEL.

A seção “Artigos” é composta por oito trabalhos escritos por docentes que problematizam a formação inicial e continuada de

professores e o ensino de História, na confluência entre reflexões teóricas e experiências de pesquisas associadas a suas práticas pedagógicas.

Em “Para além da reprodução: contribuições de Pierre Bourdieu para uma reflexão sobre formação de professores para o ensino de História”, Nádia Gaiofatto Gonçalves discute a contribuição dos aportes teórico-metodológicos de Pierre Bourdieu na formação de professores de História e indica que os conceitos de prática, campo, *habitus* e capital contribuem para a discussão sobre os espaços, as culturas e práticas do campo educacional.

No artigo “Ensinar História compreendendo os discursos sobre a sociedade cafeeira presentes nos livros didáticos: um estudo de textos e imagens em dois livros didáticos do Brasil contemporâneo”, Marlene Cainelli e Talyta da Silva Selary problematizam diferentes aspectos da História ensinada, a partir da análise das representações sobre a sociedade cafeeira do fim do século XIX e início do século XX, em livros didáticos produzidos em períodos diferentes.

No artigo “Poder e patrimônio histórico: possibilidades de diálogo entre Educação Histórica e Educação Patrimonial no Ensino Médio”, Giovanna Aparecida Schittini dos Santos entrelaça teoricamente Didática da História, Educação Histórica e Educação Patrimonial para fundamentar o trabalho pedagógico com o patrimônio histórico que realizou no Ensino Médio do Centro de Ensino e Pesquisa Aplicada à Educação (CEPAE) da Universidade Federal de Goiás (UFG).

Elison Antonio Paim, Enelice Pansera e Mirian Carbonera, no artigo “Educação patrimonial e formação continuada de professores: uma experiência a partir da exposição ‘Pré-história nos vales dos rios Chapecó e Irani’”, discorrem sobre as atividades de educação patrimonial, interconectadas com a formação continuada de professores, desenvolvidas pelo Centro de Memória do Oeste de Santa Catarina (CEOM) por meio do projeto de extensão *Histórias da Pré-história: educação patrimonial entre os vales dos rios Chapecó e Irani*.

No artigo “A canção vai à escola: perspectivas da Educação Histórica”, Luciano de Azambuja e Maria Auxiliadora Schmidt discutem teórica e metodologicamente os percursos e resultados do projeto

Educação Histórica e cultura jovem: a música como fonte para o ensino de História e a formação da consciência histórica de jovens alunos do Ensino Médio, desenvolvido durante o estágio supervisionado realizado em uma escola pública de Curitiba (PR). Além de apresentarem os dados obtidos na investigação sobre os interesses e gostos musicais dos estudantes, os autores narram duas experiências de trabalho com canções nas aulas de História realizadas por estagiárias.

No artigo “Tradição, passado e memória: o saber dos transeuntes do calçadão sobre a história da cidade”, Sandra Regina Ferreira de Oliveira, Izadora Maleski Serrano Alves e Pamélia Daiane Oliveira Costaveio apresentam uma experiência de pesquisa desenvolvida por estudantes do curso de Pedagogia da Universidade Estadual de Londrina (UEL). A colocação, no centro de Londrina, de cabines telefônicas semelhantes àquelas existentes em Londres é o mote para problematizar a história local e a invenção de tradições. São elaboradas questões para os transeuntes sobre as cabines telefônicas, a fim de investigar o ‘saber histórico’ que constroem a partir do contato com esses objetos cuja função é relembrar o passado. Para as autoras, essa pesquisa contribui para ampliar o olhar sobre as possibilidades de trabalhar como o conhecimento histórico para além da escola.

Em “‘Novas’ e ‘diferentes’ linguagens e o ensino de História: construindo significados para a formação de professores”, Nucia Alexandra Silva de Oliveira discute os diferentes significados atribuídos à incorporação de linguagens diversas ao longo da trajetória da História ensinada, destacando a proposta da Educação Histórica. A autora também investiga, por meio do material produzido por estagiários, como os professores em processo de formação inicial têm selecionado ‘novas linguagens’ para o Ensino de História.

No artigo “Pesquisando sítios arqueológicos: História e Patrimônio na sala de aula”, Flávia Eloisa Caimi e Francielle Moreira Cassol apresentam uma pesquisa-intervenção em duas turmas de sexto ano do Ensino Fundamental. O estudo e a simulação de escavação de um sítio arqueológico evidenciam as potencialidades do ensino de História para

educar em proveito do reconhecimento e o respeito ao patrimônio histórico e cultural.

Na seção “Entrevistas”, o professor Rodolfo Pantel é entrevistado por Lucas Söhn Albuquerque e Matheus Reiser Müller, graduandos do curso de História da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Ao longo de quase três décadas como docente do Colégio de Aplicação da UFSC, o professor Rodolfo compartilhou seu saber experiencial e suas memórias com docentes em formação, tal como sua narrativa permite vislumbrar, construindo uma trajetória profissional que configura a concepção de processo formativo exposta por Paulo Freire na epígrafe que abre este prefácio.

Finalizando este número da Revista EntreVer, a seção “Resenhas” instiga a reflexão teórica e metodológica acerca do ensino de História. Ao elaborar a resenha do livro *Educação Histórica: Teoria e Pesquisa*, organizado por Marlene Cainelli e Maria Auxiliadora Schmidt (2011), Flavia Gomes da Silva Riger convida à leitura desse conjunto de artigos que representam as principais linhas dessa perspectiva de investigação no campo do ensino de História.

Em “Documentários e animações produzidos no LAPIS para uso na Educação Básica”, Henrique Pereira de Oliveira contextualiza o trabalho de formação de historiadores/professores desenvolvido no Laboratório de Pesquisa em Imagem e Som (LAPIS), do Departamento de História da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), discute as características da produção dos audiovisuais relacionando-as com as potencialidades para o ensino de História e apresenta as sinopses de quarenta e quatro vídeos produzidos no LAPIS, disponíveis na Internet.

Desejamos que a leitura dos textos que compõem este Dossiê possa fomentar novas discussões e animar o leitor a se tornar um escritor dos próximos números da Revista EntreVer. Afinal, o exercício da profissão docente pressupõe a interlocução constante e o compartilhamento de saberes, memórias e histórias.

REFERÊNCIAS

FREIRE, P. **Pedagogia da Autonomia:** saberes necessários à prática educativa. 39. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2009.

RÜSEN, J. **História viva.** Teoria da História III: formas e funções do conhecimento histórico. Tradução Estevão de Rezende Martins. Brasília: Editora UnB, 2007.

TARDIF, M. **Saberes Docentes e formação profissional.** Tradução de Francisco Pereira. 6. ed. Petrópolis: Vozes, 2006.